

[Home](#) [Edições](#) [Online](#)[Especiais](#) [TV Diplô](#) [Podcast](#)[Loja](#) [MINHA CONTA](#) [ASSINE](#)

LE MONDE
diplomatique BRASIL



Edição 195
Outubro 2023

[COMPRAR](#)

Edição 195

COLÔMBIA

Um ano do “governo da mudança”

O governo de Gustavo Petro, o primeiro presidente de esquerda da história colombiana, tem como principal desafio doméstico garantir a governabilidade para avançar as amplas reformas propostas

Andrés Londoño Niño e Marianna Albuquerque

3 de outubro de 2023



Em agosto de 2023, o governo de **Gustavo Petro** completou um ano na Colômbia. Trata-se de um governo distinto na história do país por ter o primeiro presidente de esquerda que conseguiu chegar ao poder em uma democracia frágil, da qual estiveram excluídos, historicamente, grupos não pertencentes às elites. Trata-se de uma oportunidade para que esses grupos tenham um maior papel na política do país, a exemplo de minorias étnicas, inclusive por meio de Francia Márquez, vice-presidenta e líder ambiental afro-colombiana. No entanto, ao mesmo tempo, a inclusão é acompanhada

do grande desafio de cumprir promessas, realizar amplas reformas e ser, efetivamente, "o governo da mudança", como o próprio se autodenomina.

O principal desafio doméstico tem sido garantir a governabilidade para avançar as amplas reformas propostas. É importante lembrar que a vitória de Petro não foi avassaladora: a diferença para o candidato concorrente, Rodolfo Hernández, foi de aproximadamente 3%. Além disso, Petro tem sido uma figura política com alta oposição da mídia colombiana: assim como quando foi prefeito de Bogotá, ele é alvo de uma forte oposição dos meios de comunicação tradicionais do país, o que tem influenciado, por exemplo, que o índice de aprovação do governo tenha passado de 47%, inicialmente, para 32% hoje.

No Congresso, apesar de ter conseguido a maioria relativa de cadeiras, o Pacto Histórico, partido de Petro, não logrou ter maioria absoluta perante os partidos de oposição, que têm conseguido exercer um poder de veto de várias reformas. O governo teve de fazer negociações com partidos tradicionais, como o Liberal e o Conservador, que pediram, em troca, nomeações em ministérios, instituições públicas ou cargos diplomáticos. Mesmo assim, a coalizão entrou em crise nove meses depois do começo do governo por diferenças em torno da reforma da saúde, que pretende alterar o sistema que está em funcionamento há trinta anos. Isso provocou uma mudança no gabinete e a saída de ministros. Além disso, o governo não obteve maioria para aprovar reformas como a política e a trabalhista. Seguem em tramitação, no Legislativo, as reformas da saúde, previdência e educação.



O principal desafio de Petro é garantir a governabilidade para avançar as reformas (Foto: Divulgação)

Em contraste, na política externa existe um maior poder de barganha, o que tem permitido ao governo mudar o baixo perfil que caracteriza a tradição colombiana em alguns aspectos. O país tem tido maior visibilidade, especialmente em questões relacionadas a drogas e meio ambiente. Sobre o primeiro ponto, o atual governo questiona o paradigma hegemônico de luta contra as drogas, que dá maior responsabilidade ao país produtor. Destaca-se, por exemplo, a busca de Petro por assumir um papel de liderança na Conferência Latino-Americana e do Caribe sobre as Drogas, ocorrida em setembro de 2023, na cidade de Cali. Ali, o presidente se reuniu com seu homólogo mexicano, Andrés Manuel López Obrador, para discutir uma mudança de paradigma na política contra as drogas na região.

Por fim, o atual governo tem assumido uma ativa posição na questão da proteção do meio ambiente. Na última Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP27), em 2022, a Colômbia defendeu que mudar o modelo econômico é um imperativo para a proteção ambiental. De modo específico, o atual governo tem dado especial ênfase à proteção da Amazônia. Como iniciativa do governo colombiano, Petro e Lula reuniram-se na cidade fronteiriça de Letícia, em julho, onde o primeiro questionou a exploração de

hidrocarbonetos na região e convidou o presidente brasileiro a uma tomada de decisão conjunta, entre os países amazônicos, sobre o assunto.

O tema voltou a causar atritos entre os dois vizinhos na Cúpula da Amazônia, realizada em agosto, na cidade de Belém. Na ocasião, Petro, que havia demonstrado interesse em sediar o encontro na Colômbia, demonstrou descontentamento com a ausência do compromisso na Declaração de Belém e questionou publicamente a postura do governo brasileiro em relação ao assunto. No Brasil, mesmo após parecer contrário do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a possibilidade da exploração de petróleo na foz do Rio Amazonas segue sendo considerada pelo governo. O tema é motivo de uma disputa interburocrática no Brasil: de um lado, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, defende a continuidade dos estudos de viabilidade; do outro, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, argumenta que zerar o desmatamento não será suficiente para garantir a sobrevivência da Amazônia se a medida não vier acompanhada do fim do uso de combustíveis fósseis.

***Andrés Londoño Niño** é professor da Escuela Superior de Administración Pública (Esap) e da Universidad Nacional de Colombia; e **Marianna Albuquerque** é professora do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Irid-UFRJ) e coordenadora do Observatório Político Sul-Americano (Opsa), do Iesp-Uerj.

Leia mais sobre o tema:

COLOMBIA

ESQUERDA NA AL

GUSTAVO PETRO

LEIA TAMBÉM



Os crimes e a impunidade

Cinismo em Lampedusa

Na Argentina, a direita faz muito barulho, mas pouco inova

Leave a reply

Seja o Primeiro a Comentar!

PUBLICAR COMENTÁRIO

0 COMENTÁRIOS

Quem Somos

Clube de Descontos

Pelo Mundo

Política de privacidade

Contato

 **ASSINE**

APP Diplô

Inscreva-se para receber nossa newsletter

Nome*

Email*

ASSINAR